

A Poética de Gervane de Paula: reflexões para o ativismo e a decolonialidade

La poética de Gervane de Paula: reflexiones sobre el activismo y la descolonialidad

Gervane de Paula's Poetics: reflections for activism and decoloniality

José Henrique Monteiro da Fonseca¹
José Serafim Bertoloto²
Claudio José Santana de Figueiredo³
Muryllo Rhafael Lorensoni⁴

Resumo

A partir do presente texto intenta-se uma reflexão e doravante uma possível aproximação através de pesquisa ao universo do artista plástico Gervane de Paula, bem como de sua obra e os sentidos sociais, concretos e subjetivos, que esta deixa em suas expressões irreverentes e críticas. É inegável a riqueza expressiva contida na obra desse artista latino americano, a qual aponta para as realidades sociais gritantes e ao mesmo tempo, muitas vezes não percebidas em nosso contexto. Uma vez que, o saber positivista pouco se inclina a subjetividade do diferente, do estranho, do diverso e daqueles que não se submetem aos padrões naturalizados enquanto únicos e verídicos; eis aí uma oportunidade de legitimação acadêmica da obra de Gervane, mas antes, uma aproximação de seu universo e seu modo impar de estar no mundo, de interagir com a realidade e nomeá-la de modo rico, expressivo e irreverente, visto sua poética estar de algum modo imbricada ao ativismo e ao pensamento decolonial, tão necessários e indispensáveis em nosso contexto.

Palavras-Chave: Gervane de Paula; Obra de arte; Ativismo; Decolonialidade; Artista cuiabano.

Resumen

A partir de este texto, se intenta una reflexión y, en adelante, un posible enfoque a través de la investigación del universo de la artista plástica Gervane de Paula, así como de su trabajo y los sentidos sociales, concretos y subjetivos, que esto deja en sus expresiones irreverentes y críticas. Es innegable la riqueza expresiva contenida en la obra de este artista latinoamericano, que señala las realidades sociales deslumbrantes y, al mismo tiempo, a menudo no se perciben en nuestro contexto. Como el conocimiento positivista tiene poca inclinación a la subjetividad de lo diferente, lo extraño, lo diverso y aquellos que no se someten a patrones naturalizados como únicos y verdaderos; Esta es una oportunidad para la legitimación académica del trabajo de Gervane, sino más bien una aproximación de su universo y su forma única de estar en el mundo, de interactuar con la realidad y nombrarla de una manera rica, expresiva e irreverente, ya que su poética es de alguna manera imbricado al activismo y al pensamiento decolonial, tan necesario e indispensable en nuestro contexto.

¹ Mestre em Ensino – linguagens e seus códigos pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO) UFMT; Cuiabá, Mato Grosso; Brasil. E-mail: jhmonteirodafonseca@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – (UNIC). Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso – (UFMT). E-mail: serafim.bertoloto@gmail.com

³ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - (UFMT-MT). Doutorando em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - (UFMT-MT). E-mail: claudio.figueiredo.san@gmail.com

⁴ Mestre e Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) - UFMT. E-mail: mlorensoni@hotmail.com

Palabras clave: Gervane de Paula; Obra de arte; Artivismo; Descolonialidad; Artista cuiabano.

Abstract

Based on this text, an attempt is made to reflect on the possibility of approaching it through research into the universe of the plastic artist Gervane de Paula, based on his work and the social, concrete and subjective senses that this deixa em suas expressões irreverentes e críticas. É inegável expressive wealth contained in the work of this Latin American artist, which is apt for screaming social realities and at the same time, many times are not perceived in any context. A time when, or a positivist knowledge, it is inclined towards subjectivities of different, foreign, diverse and so that they are not submembered by naturalized parents as unique and truthful; This is the opportunity for academic legitimacy given by Gervane's work, but earlier, an approximation of his universe and his odd way of being not the world, of interacting with reality in a rich, expressive and irreverent way, seen his poetic being in a way imbricated with artivism and decolonial thought, so necessary and indispensable in our context.

Key words: Gervane de Paula; Artwork; Artivism; Decolonialidade; Cuiabano artist.

1. Introdução

Propõe-se no presente artigo uma reflexão em torno da poética do artista plástico Gervane de Paula, bem como de sua obra e os sentidos sociais, concretos e subjetivos que esta deixa em suas expressões irreverentes e críticas. Gervane de Paula é brasileiro e nasceu na capital mato-grossense: Cuiabá, onde vive e trabalha desde 1976, ano em que se iniciou no mundo das artes plásticas, frequentando o Ateliê Livre da Fundação Cultural de Mato Grosso (Palácio da Instrução). Com excepcional talento, logo se destacou nas artes em nível estadual e nacional (Tyrannus Melancholicus, 2012). Da Silva e Bertoloto (2019) apontam que, nada passa despercebido aos olhos de Gervane, sua sensibilidade apreende criticamente o cotidiano popular, sejam os temas vivenciados em torno das festas regionais e religiosas, os problemas comunitários, as questões políticas e sociais de modo geral. Seu trabalho nos conduz a uma reflexão em torno de temas gritantes na sociedade contemporânea.

Ele começou a pintar em 1976, desde então a questão local foi sempre evidenciada, pelas imagens das festas populares, das brincadeiras de infância, das mangas e mangueiras, enfim, nada passa despercebido ao olhar do artista. Que, a medida de seu amadurecimento pessoal, e, desde a primeira fase de sua obra, foi desenvolvendo junto um tom de crítica. Assim, desde sempre este artista convida o público a refletir, ao falar de política, de problemas sociais dos bairros e da sociedade como um todo (DA SILVA e BERTOLOTO, 2019, p. 03).

Nas últimas três décadas tem participado de mostras individuais e coletivas pelo país. Em 2018, Gervane foi indicado ao prêmio PIPA, um evento anual realizado pelo Instituto PIPA, um dos mais relevantes prêmios brasileiros de artes visuais, que tem por objetivo premiar e consagrar artistas já conhecidos no mercado de arte brasileiro (Prêmio PIPA, 2018). Seu trabalho tende a evocar um senso crítico e provocativo, conforme é percebido nas figuras 1 e

2, registradas na exposição *Mundo Animal*, tais figuras congelam no tempo a performance do artista que incorpora a ave símbolo do pantanal, o tuiuiu; a frase “eu sou você” nos provoca e nos co-responsabiliza frente ao mundo habitado pelos animais humanos e não humanos. O paradoxo mundo animal, voraz, amante, odioso, apaixonante, destrutivo e fomentador. Aqui torna bastante oportuno citar (Brandão, 2016) com suas lindas palavras que também abrilhantaram o catálogo da exposição *Mundo Animal* (2016): “Quando éramos humanos de um lado e animais do outro, a dor que doía de lá não se suspeitava de cá. A névoa se dissipou, estamos todos do mesmo lado”.



Figura 1 - “Gilberto Chateaubriand visita Cuiabá”
Fonte: José Medeiros - Catálogo Prêmio PIPA, 2018

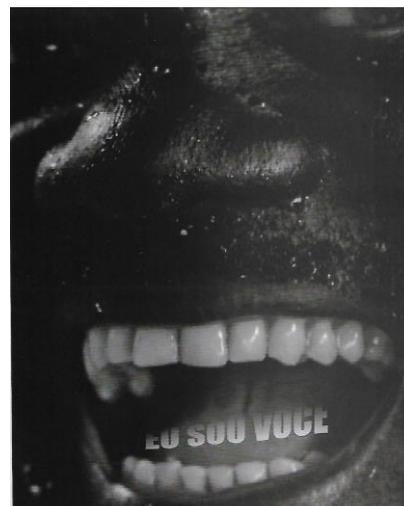


Figura 2 – “Eu sou você”
Fonte: José Medeiros

Sua obra possui certo flerte crítico e irreverente voltado para a cultura de massa, no sentido de apontar a construção de modelo de sociedade, para o qual contribuímos e sustentamos, sejam ideologias, consumismos, modos de subjetivação, e até traços contraditórios e preconceituosos em meio à religião. É isso que a obra de Gervane toca e denuncia irreverentemente, nos implicando da nossa responsabilidade, enquanto coletivo, de partícipes, seja da violência urbana, execração, do racismo e de tantas problemáticas que construímos enquanto sociedade.

Labra (2018) relatando alguns sentidos, ao adentrar uma exposição de Gervane, aponta que, através de uma multiplicidade de formas e cores, o artista nos apresenta uma “Humanidade tornada refém dos seus próprios preconceitos, ódios e problemas inventados contra inimigos que ajudamos a criar” (LABRA, 2018, p. 18). Enquanto produção utiliza diversas linguagens, suportes e materiais situando-se entre a pintura, desenho, objeto e instalação, uma vez que seu processo de criação é: “intermediado pela multiplicidade de

significados e linguagens, propondo novas estéticas e significados entre colagens, pinturas, desenhos e instalações” (DA SILVA E BERTOLOTO, 2019, p. 3).

O presente trabalho é parte do projeto de pesquisa de Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea, o qual tem como objetivo uma aproximação do universo (vida-obra) do artista plástico Gervane de Paula, bem como dos sentidos sociais, concretos e subjetivos que sua poética apresenta expressivamente de modo socialmente crítico e irreverente.

2. Crítica à modernidade

Dialogando com Labra (2018) parece razoável enfatizar que Gervane, através de seus instrumentos, suportes e expressões, caminha na contramão da modernidade. Antes de fechar novamente o foco no artista aqui em questão, pretende-se justificar que, caminhar na contramão do que se está posto em um tempo histórico sempre foi motivo de estranhamento, retaliações, perseguição e não absorção imediata naquele tempo, daquilo que vai contrário ao que está convencionalmente estabelecido. Em todas as épocas de algum modo os considerados mais fortes em uma cultura ou Era, sempre tentaram se valer sobre os considerados mais vulneráveis. Na antiguidade, a cultura helenística intencionava estabelecer pelo fio da espada, o saber Greco-filosófico sobre outros povos, como se esses não possuíssem saber razoável e hegemonicamente aceito (ROSSI, 2011). Foi assim nos tempos dos feudos, quando reis e senhores das terras abusivamente cobravam impostos exorbitantes de seus servos e camponeses. Com uma proposta “pré-liberal” não foi diferente com o êxodo dos camponeses para os pontos de comércio, sob a promessa de individualidade e prosperidade em nome da coisa que se chamou de Estados Nacionais; ali aparece sutilmente e de modo irônico o mais do mesmo, porém disfarçado em outra estrutura. Pois, ao deixar seus modos de vida no campo, tais famílias seriam submetidas, mais uma vez, só que agora em nome de uma suposta liberdade, liberalidade esta, que nunca existiu; somando-se a isso o fato de encararem novas crises de readaptação cultural e antropológica; não estariam mais subjugados pelo Rei ou pelo Feudo, mas agora pelo Estado e pelo Burguês.

A etapa inicial dispôs a retórica da modernidade como salvação. A salvação era focada em salvar almas pela conversão ao cristianismo. A segunda etapa envolveu o controle das almas dos não europeus através da missão civilizatória fora da Europa, e da administração de corpos nos Estados-nações emergentes através do conjunto de técnicas que Foucault analisou como a biopolítica (MIGNOLO, 2017, p. 8).

Diante disso pode-se refletir que, o espírito da modernidade e do colonialismo, de algum modo, sempre aparece enquanto sutil instrumento de domínio fazendo com que um povo com sua riqueza étnico-cultural, língua e crenças, seja violado e forçado a comprar ideias e culturas hegemonicamente estabelecidas como superior e legítimas. Tais compras forçadas, por séculos vêm sendo pagas a preço de sangue e desolação de etnias inteiras. Diante disso ousa-se pensar a colonialidade e a modernidade enquanto uma patologia histórica e social, que produziu estigmas, preconceitos, racismo, xenofobias, antropocentrismos, em nome da “ordem e do progresso” e de um ideal higienista burguês colonialista. Os 500 anos do Brasil e os 300 anos de Cuiabá, arrastam traços e marcas da devastação cultural e antropológica, por meio da corrupção, subjugação, assassinato da flora e fauna, escravidão e ideologias de valores invertidos e sagazes.

Anterior a toda outra coisa, a ideologia assegura, por meio de representações imaginárias, crenças coletivas e certas ideias sociais, que todos os sistemas de sociedade funcionem e durem como realidades que existiriam por si próprias, sem o concurso da ação humana. [...] a ideologia procura obter invertendo e ocultando o caráter de coisa construída, arbitrária e convencional de toda ordem social-cultural e suas instituições, e cujo efeito é a eficácia de sua dominação sobre os indivíduos, engendrada e reproduzida sem o recurso da força (SOUSA FILHO, 2007, p. 24).

Parece razoável pensar que, toda a estrutura de sociedade que se tem até aqui, seja ela nomeada de modernidade, pós-modernidade ou até modernidade tardia, entre outras; trata de uma construção histórica, social e ideológica. O modelo de indivíduo que se tem não é natural, mas apenas uma invenção recente (Foucault, 1999). Ao nascer recebemos uma carga histórica e ideológica a qual já se encontra na cultura, nos hábitos e no contexto de modo simbólico e concreto. Tais hábitos e imposições culturais estão atrelados a traços de ideais burgueses, escala de valores, como conceito de bem e mal, higiênico, belo e feio, forte e saudável. Foucault (1978, 1979) aponta nessa dinâmica constituída e legitimada, tanto o biopoder, referindo-se a dispositivos disciplinares (extração de energia dos corpos), instituições, escolas, fábrica e prisão e até mesmo igrejas; quanto à biopolítica, regulação das massas, taxas de natalidade, controle de migração entre outras. As figuras 3 e 4, a exemplo, registram recortes da exposição *Mundo Animal* de Gervane, nos provocando frente a institucionalização da fé e sua instrumentalização para a legitimação de discursos; “a fé é cega, mas a faca é amolada; pare de matar e de roubar”, mas mata-se pela hegemonia, o preconceito, o poder e o humanocentrismo extremista.



Figura 3 - “Arte aqui eu mato (Fé cega, faca amolada)”
Fonte: Prêmio PIPA, 2018



Figura 4 – "Mundo Animal – Uma Provocação para Rondonópolis"
Fonte: Rai Reis, 2016

O poder é estabelecido a exemplo dos discursos de verdade no seio social, permeando os valores e os costumes das sociedades. Trata-se de relações, que sutilmente aprisionam os sujeitos, pois são constituídas de poder, uma vez que, “[...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar um conjunto de regras, próprias da prática discursiva” (Foucault, 1985, p. 56). Tais discursos para Foucault são construídos enquanto uma invenção durante a História, entre as práticas discursivas, as quais fazem uso da linguagem, para criar um corpo de regras e de verdade religiosamente “absolutizadas”.

Por meio da ideologia, a realidade engendra um discurso de naturalização, universalização e eternização de suas formas, de modo que sanciona, consagra, a dominação cultural-social-moral na qual ela própria se constitui enquanto experiência do viver social e coletivo (SOUSA FILHO, 2007, p. 25).

A ciência positivista possui uma fanática tendência em naturalizar aquilo que é ideológico e construído socialmente, para interesses de estabelecimento de domínios e poderes. É a objetividade, que ofusca a riqueza e o universo da subjetividade, conforme aponta Pais (2003):

A objetividade cega que nega a subjetividade de quem a apregoa, as explicações deterministas que modelam rigidamente a realidade e o neopositivismo que impõe à realidade a sua punitiva legislação instalaram-se duradouramente nos discursos sociológico como novas e inegáveis formas de religiosidade. A objetividade tornou-se culto fanático e apaixonado que recusa a confrontação com o objeto (PAIS, 2003, p.38).

2.1. Gervane, um artista decolonializante?

Do mesmo modo os saberes da ciência positivista são postos enquanto a referência universal de conhecimento, mantendo assim na invisibilidade e não legitimidade saberes outros, culturas outras e modos múltiplos de expressões artísticas, os quais por não se adequarem aos ideais e aos interesses da elite são invisibilizados e mantidos à margem social e muitas vezes criminalizados; aqui não fica de fora o saber-fazer arte, pois assim como os ideais modernos pré-configuram os modelos de corpo, também impõem uma configuração ao corpo-forma de se fazer arte, afinal arte-corpo estão simbolicamente e concretamente entrelaçados (LE BRETON, 2011). Daí a urgência da decolonialidade da arte, da legitimação das mais variadas expressões artísticas, da ênfase *aiesthésica* dessa (MIGNOLO, 2010, 2017). Walter Mignolo em seu artigo “*Aiethesis* Decolonial”, enfatiza que a palavra estética tão utilizada no saber da área de Humanas, como também incorporada no mundo da arte, possui sua etimologia no grego antigo *aesthesis*, tendo por significado “sensação” e “fruíde” palavra que se aproxima de autopoieses (criação) (MATURANA & VARELA, 1994); o que por sua vez, amplia e dinamiza maravilhosamente o sentido e a aplicação da estética *aiesthésica*. Portanto apesar do colonialismo oficialmente já ter sido superado, pois as colônias tornaram-se Estados independentes, o espírito da colonialidade ainda prevalece, a exemplo das artes produzidas nas (ex)colônias, muitas vezes ser vista como parte do mobiliário decorativo ou artesanato, e, quando com muita dificuldade consegue superar tal olhar, receberão classificações de populares, bruta, primitivas e ou naif, ou seja: tais obras a partir desse processo de predicação colonial são postas hierarquicamente como subalternas (MIGNOLO, 2010; RODRIGUES, BRANDÃO, 2014). Boas (2015) nesse mesmo viés de pensamento de Mignolo apresenta que:

A *Aesthesis* grega, por exemplo, não se contentava apenas com a ideia do belo restrita às Artes, mas, propunha, já naquele momento, uma relação em que a obra estivesse intrinsecamente ligada à existência, culminando, a partir das vivências, na depuração ou *Kátharsis* (BOAS, 2015, p. 33).

Atrelado ainda a ideia de decolonialidade da arte, oportuniza-se aqui refletir sobre a arte política e/ou o ativismo, na obra de Gervane de Paula, o que em Chaia (2007) parece tornar possível e imprescindível às expressões artísticas e ao ato artístico, estarem arraigados as micropolíticas, as intervenções e as transformações sociais. O ativismo é pensado aqui, como associação entre arte-poética-micropolítica. O artista torna-se agente ativo e interativo, para a promoção de mudanças sociais, fazendo da arte seu modo de ativismo, uma vez que, encontrou na arte uma implicação e um convite à militância, seja nos aspectos políticos, sociais

e/ou ecológicos; assim as ações artivistas poderão ser expressadas na literatura, pintura, escultura, teatro, cinema, música e performance (BOAS, 2015).

Pode-se pensar em dois grandes contextos políticos nos quais a arte pode ser produzida com significado social: a política de participação no espaço público; e a política gerada no círculo de poder. De um lado, tem-se a política como práticas sociais, privilegiando-se as ações e os sujeitos; do outro, existe a política centrada no funcionamento das instituições (CHAIA, 2007, p.21).

Diante da obra de Gervane de Paula, surgem algumas inquietações, frente ao seu processo de criação e modo ímpar de fazer arte. Perante os padrões eurocêntricos e hegemônicos de produção de arte, pode-se pensar que este é um artista, que caminha na contramão dos aspectos modernos. Sob tal implicação, nascem algumas reflexões: A obra de Gervane possui de algum modo, caráter militante e micropolítico? Seu processo criativo caminha de modo a fazer críticas e intervenções, perante os traços coloniais e modernos estabelecidos, enquanto modelo de arte? Qual a importância de sua poética irreverente para a arte contemporânea? Seu saber-fazer arte estaria atrelado ao que se conhece por *Aiethesis* decolonial?

O choque incessante do movimento da arte com os papéis estabelecidos – já desde o Renascimento, mas, sobretudo, durante a época moderna – sua propensão a renovar suas matérias de expressão e a textura ontológica dos perceptos e dos afetos que ele promove, operam se não uma contaminação direta dos outros campos, no mínimo o realce e a reavaliação das dimensões criativas que os atravessam a todos (GUATTARI, 1992, p. 135).

Para Felix Guattari o movimento da arte denuncia, de algum modo essas pré-configurações na sociedade e também no campo da arte se, uma vez é capaz de promover certa renovação nos modos de expressão em meio aos processos de criação. Percebe-se que em meio a esse movimento renovador emprega-se materiais do cotidiano moderno nos processos de criação artísticos, o que por sua vez promoveram percepções alteradas, estranhamento, inquietações e ressignificações do mundo.

Na solidão ativa, o homem quer cavar a terra, furar a pedra, talhar a madeira. Quer trabalhar a matéria, transformar a matéria. Então o homem não é mais um simples filósofo diante do universo, é uma força infatigável contra o universo, contra a substância das coisas (BACHELARD, 1991, p. 24).

É deste modo que a obra de Gervane nos toca e nos choca, denunciando a modernidade, utilizando variações de suportes, debochando do “real” moderno, contaminando e destituindo o pré-estabelecido hegemonicamente, pois: “O artista contemporâneo, para fazer frente a habilidades e conhecimentos tão diversificados, que se apresentam de forma

imbricada no processo de criação, passa a constituir a arte como um campo fecundo para a pesquisa e a investigação” (REY, 2002, p. 123). A partir da poética deste artista, ousa-se pensar que conceitos de verdade, de certo, de belo, novo e velho, nada mais são que ideias construídas, frutos de leis, normas, convenções e construções sociais estético e históricas. Do mesmo modo que, cultura da violência, da intolerância, estigmas e preconceitos são também constituídos em um coletivo, tomados subjetivamente de forma mediada, em um ciclo vicioso, pseudo-dialético e destrutivo, tornando-se traços de cultura.

As figuras 5 e 6 das obras de Gervane não diferente das demais, são atípicas e convocativas. A figura 5, a obra: *Narizes patrióticos*, nos aponta o excêntrico nacionalismo e o patriotismo dissimulado; a banalização da arte regional pela figura do tuiuiu - droga de arte. A figura 6, registra um “oil on canvas” (tão conservador), mas manifestando a hegemonia da arte branco-europeia a qual muitas vezes “naifeia” a arte negra, regional e periférica. Eis aí um artista contemporâneo que faz críticas à Arte e a seus critérios de legitimação.



Figura 5 - “Narizes patrióticos”
Objeto 70 x 70 cm
Fonte: Prêmio PIPA, 2018.



Figura 6 - “Artista negro, curadoras brancas”
Óleo sobre tela, colagem, 160 x 180 cm
Foto: Prêmio PIPA, 2018.

Parece que além das variedades de suportes e modo impactante de expressão, Gervane se coloca na produção de controvérsias, pondo os valores e discursos sociais à prova; o que parece razoável considerar seus aspectos interventórios e críticos em suas manifestações artísticas.

Uma contribuição dos artistas é que eles criam controvérsias, e controvérsias são importantes porque levam a pensar e testar perspectivas e valores. [...] É a

proliferação de pontos de vista que nos ajuda a separar reivindicações melhores das piores, ou as reivindicações morais que são consonantes com nossos valores básicos das que não o são. A existência de pontos de vista alternativos avança nosso conhecimento (JASPER, 1997, p. 367-374).

Tecendo conjuntamente com Jasper (1997), parece ser nesse sentido, que caminha a obra de Gervane, criando controvérsias, nos provocando a pensar e repensar valores, e quiçá nos reinventarmos, de modo alternativo e micropolítico.

3. Conclusão

Se atentando à poética de Gervane, é possível perceber sua arte como força e potência, que altera o substancial, cristalizado no mundo dos humanos (BACHELARD, 1991); eis aí a grande relevância de conhecer sua vida e obra, pois a partir da ótica decolonial, a potência de seus trabalhos não caberá mais na classificação de inocente e popular, mas arte, produzida sim no Mato Grosso-Brasil-América Latina, como Arte e suas mais diversas multiplicidades e intencionalidades, como produzida em quaisquer cantos do planeta, que dão conta de evocar reflexões, repensar valores éticos e estéticos, o empoderamento cultural e étnico de um povo que produz arte, ativismo, como também capaz de produzir para além de epistemologias coloniais, seus próprios saberes (Gnosis) (MIGNOLO, 2010); e modos múltiplos de pensar seu próprio mundo e sua cultura.

Assim, sendo, não é possível pretender se opor a ele [ao poder capitalista] [...] Longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência. [...] Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas [...] (GUATTARI, 1990, p. 33-5)

Em Gervane como também em tantos outros artistas brasileiros, parece possível e relevante, um caminho crítico para refletir, pensar, repensar, movimentar e porventura reinventar modos de subjetivação, resistência e autonomia.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade. Ensaios sobre a imaginação das forças*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.

BOAS, Alexandre Gomes Vilas. *A(r)tivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação*. Instituto de Artes: São Paulo, 2015.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. *Homem-jaburu: o orixá da dor e do riso*. In: *Catálogo: Mundo animal, uma provocação*, 2016.

CHAIA, Miguel. *Arte e Política*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

DA SILVA, M.. Araés, *Território Possível: Uma experiência sócio estética*. Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult, Brasil, mai. 2019. Disponível em: <<http://eventos.claec.org/index.php/semlacult/2/paper/view/1218/739>>. Data de acesso: 19 Out. 2019.

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. (1979). *O nascimento da medicina social*. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Trad. S. T. Muchail.

FOUCAULT, Michael. *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

JASPER, James M. *The art of moral protest: culture, biography, and creativity in social movements*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997

LABRA, Daniela. *Gado Agro Droga Tuiuiu: Mundo Animal*. In.: <<http://www.premiopipa.com/artistas/gervane-de-paula/>> Acesso em 30 de junho de 2018.

LE BRETON, David. (2011). *Antropologia do Corpo*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. p. 318.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001. 283 p.

MIGNOLO, Walter D. (2010). “*Aisthesisdecolonial*”, en CALLE14, Volumen 4, No. 4. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3231040.pdf>. Acesso em 20 de out. de 2019.

MIGNOLO, Walter D.. *COLONIALIDADE: O LADO MAIS ESCURO DA MODERNIDADE*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 32, n. 94, e329402, 2017. Available

from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso. access on 16 Oct. 2019. Epub June 22, 2017. <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.

PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PREMIO PIPA, 2018. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/artistas/gervane-de-paula/>. Acesso em: 13 de out. de 2019.

REY, P. *Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais*. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.

RODRIGUES, Alessandra Cristina; BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A COLONIZAÇÃO DA AESTHESIS* in: SEMINÁRIO DO ICHS – Humanidades em Contexto: saberes e interpretações (2014). Disponível em: <http://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/view/1619>. Acesso em: 18 de out. de 2019

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *A máquina Helênica de fazer guerra*. Antítese (UEL). 2011

SOUSA FILHO, Alípio. *Por uma teoria construcionista crítica*. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v01n01art02_sfilho.pdf. Acesso em: 01 maio. 2019

TYRANNUSMELANCHOLICUS. Cuiabá-MT, 2012. Disponível em: <http://www.tyrannusmelancholicus.com.br/cronicas/4175/dance-com-gervane> Acesso em: 14 de out. de 2019.